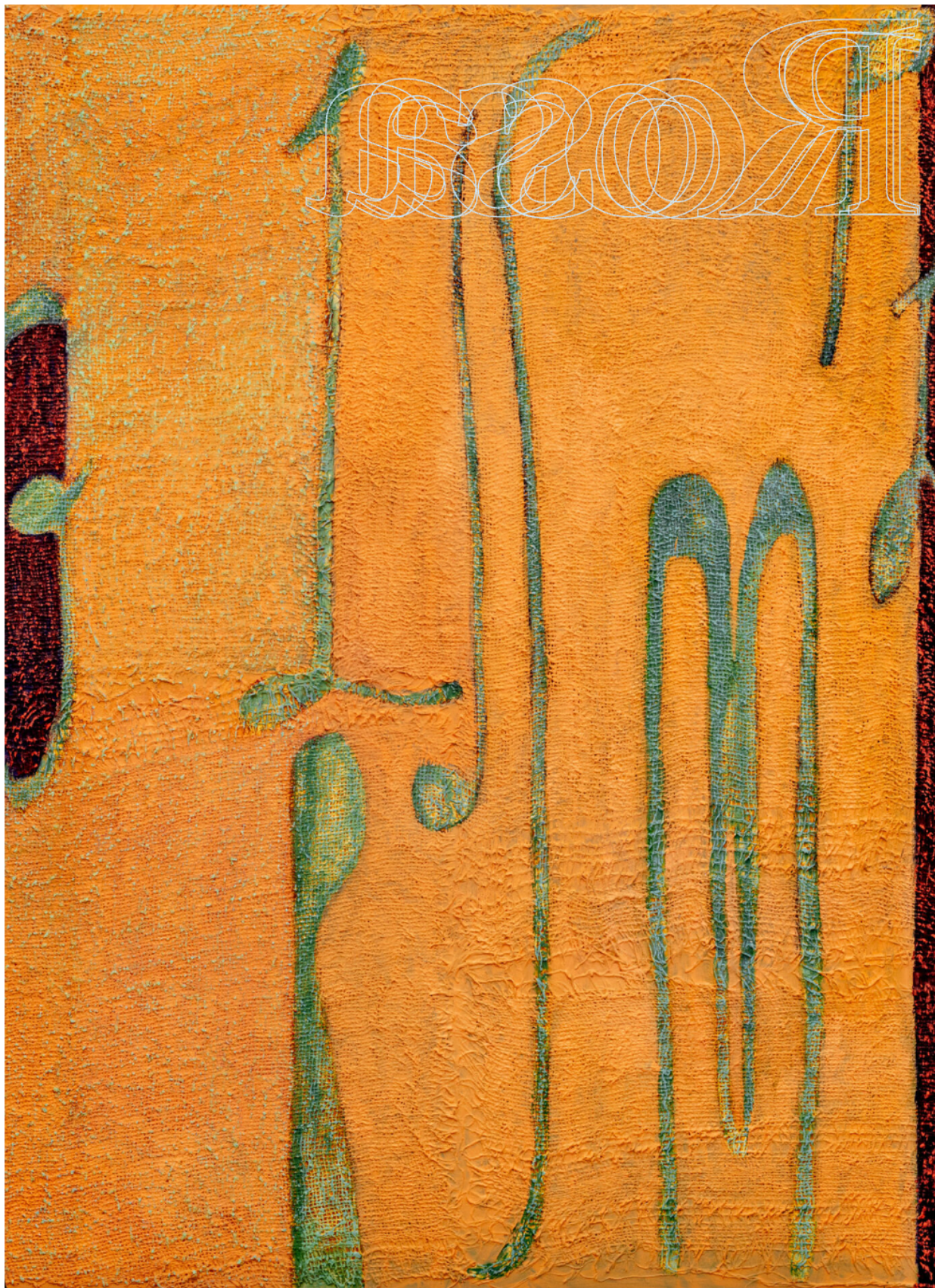


Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn
Rebecca Watson Horn



Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

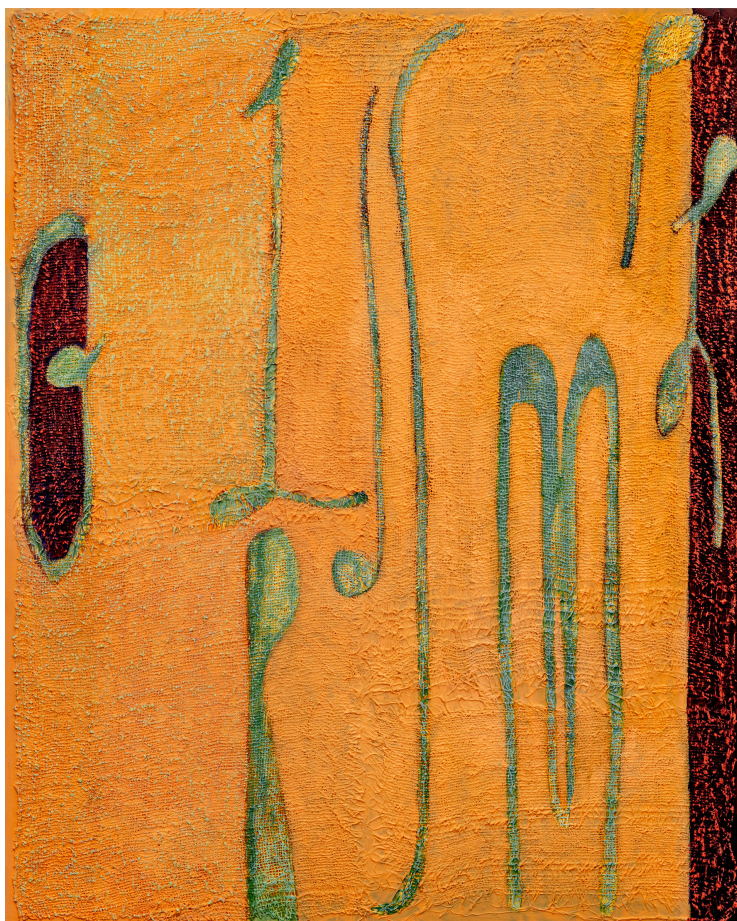
Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

PINTURAS QUE INTERROMPEM LUDICAMENTE A LEGIBILIDADE DA LINGUAGEM – ENTREVISTA COM REBECCA WATSON HORN

Caitlin Keogh

Conversei por telefone, do Brooklyn, com Rebecca Watson Horn, que passou os últimos sete meses em São Paulo preparando sua exposição em cartaz na Fortes D'Aloia & Gabriel. A conversa abaixo retoma temas que discutimos ao longo dos últimos vinte anos de amizade, com especial atenção ao trabalho e à prática atuais de Rebecca. Nos conhecemos quando estudávamos na Cooper Union e, desde então, desenvolvemos estilos e metodologias bem diferentes, embora compartilhemos fascínios históricos e repertórios formais. [1]



Rebecca Watson Horn – Sigil 102 (República), foto Eduardo Ortega

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

Caitlin Keogh: Nós duas trabalhamos muito com linhas, e eu acho que, para nós duas, pintar uma linha tem a ver com linguagem, e com alguma coisa como uma voz, com a fala. No seu trabalho, quando você pinta uma linha, ela te parece um gesto? E já que as linhas são tão associadas ao desenho, você pode falar sobre quanto o desenho faz parte da sua prática de pintura? Você faz um desenho e depois o transfere para a tela ou a linha, à medida que você pinta, está mais imersa nessa experiência de aplicar tinta sobre a tela?

Rebecca Watson Horn: O tipo de linha que eu mais gosto é o que se revela por um processo de apagamento, uma linha que é *descoberta*, uma linha preservada pelo acúmulo de tinta nas bordas. Algumas linhas não são delimitadas pela cor de cada lado, mas se expandem até se tornarem um campo e passam a funcionar mais como uma borda. No meu trabalho, toda forma começa com a linha e, como você sugere, toda forma, toda figura, todo campo de cor começa com a linguagem.

A presença escultórica, tátil, física e material do meu trabalho é tão forte que às vezes eu acho que as linhas ficam parecendo fendas entre planos densos de cor ou forma. Eu associo essa experiência material ao Mondrian. Se eu só tivesse visto fotos do Mondrian, eu não teria me interessado, mas quando você vê um ao vivo você percebe o quanto as linhas funcionam como sulcos entre campos de cor esculturais. É esse tipo de trabalho com a linha que me interessa. É uma linha esvaziada.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

A presença escultórica, tátil, física e material do meu trabalho é tão forte que às vezes eu acho que as linhas ficam parecendo fendas entre planos densos de cor ou forma.

CK: Isso é interessantíssimo. É exatamente a ideia da Lygia Clark de *linha orgânica* — uma ideia que ela desenvolveu olhando justamente pro Mondrian —, que tem a ver com as linhas que existem pela compressão das coisas umas contra as outras. É uma linha criada por uma ausência, mas definida pela pressão de vários elementos que se encontram.

Tem alusões a texto em muitas das suas pinturas. Por isso eu estava pensando na linha em relação à escrita. Mas também tem muitas ausências e truncamentos em suas coisas. Você pode falar um pouco sobre como o texto está se desfazendo ou se materializando de algum jeito, e sobre como as linhas se relacionam com isso?

RWH: A escrita é uma extensão do corpo. E o texto que eu tenho em mente é uma linguagem que existe dentro da imaginação. Não tanto uma linguagem que existe no papel. Eu parto de frases, mas elas passam por um processo em que são despidas da legibilidade convencional e se deslocam para um outro tipo de legibilidade, dentro da abstração. Estou tentando representar como a linguagem existe nos nossos corpos. Estamos vivendo um momento de ansiedade em relação à linguagem porque todas essas palavras que queriam dizer uma coisa agora parecem não querer dizer mais nada neste contexto político.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

Estamos vivendo um momento de ansiedade em relação à linguagem porque todas essas palavras que queriam dizer uma coisa agora parecem não querer dizer mais nada neste contexto político.

Então deslocar a linguagem para um espaço abstrato me parece um jeito mais realista de representar como estamos experimentando a linguagem neste momento. E, talvez numa tentativa de ancorar essa ansiedade, enfatizo a materialidade intensa da superfície, e as formas das letras começam a aparecer como membros ou corpos.

Eu gosto da ideia de as letras aparecerem no trabalho como uma coisa que desperta a curiosidade e atrai o espectador, mas também de que qualquer tentativa de lê-las é quase que imediatamente abandonada. Começo com uma frase, mas as pinturas passam por muitas camadas e tem muito apagamento e às vezes frases são acrescentadas umas sobre as outras. Assim, quando a pintura está pronta, elas também passaram, para mim, para um espaço de abstração. Tem um acúmulo de decisões e de tempo nesse processo, e o sentido se forma ao longo dele. Tem uma passagem linda num dos ensaios do Pasolini em que ele descreve a história como um acúmulo de sedimentos e resíduos. Penso nela tanto em relação à linha como fenda quanto à linguagem.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn



Rebecca Watson Horn – Sigil 106 (Higienópolis), foto Eduardo Ortega

CK: Acho que a desconfiança da linguagem que você mencionou é um efeito que anima o seu trabalho, o jeito como ele brinca com as formas das letras, então é interessante ouvir que você espera que o espectador também experimente uma desconfiança em relação à representação do texto nas pinturas. De onde vêm as frases?

RWH: Já fiz isso de jeitos diferentes. A maioria das frases vêm da minha prática de meditação, frases que ajudam a conduzir a mente para um momento mais presente. Gostaria de ver se a minha pintura pode contribuir para cultivar estados mentais que eu mesma considero benéficos, como o distanciamento em relação aos meus próprios pensamentos. E, não sei, talvez elas também possam transmitir algo de gnóstico ao espectador, se é que você acredita nisso...

CK: Como que de maneira velada. Tem alguma coisa velada acontecendo.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

RWH: É, sim... Mas a palavra “velada” soa ardilosa. E o que eu estou dizendo é que talvez a linguagem seja velada. Talvez a convenção da legibilidade seja, na verdade, a manipulação, e remover essa convenção seja uma forma de comunicação mais direta. Dá pra entender?

CK: Dá, e eu estou pensando em como, na fala mítica, na semiótica, um signo carrega uma outra mensagem política que é contrabandeada para dentro dele. Então, o que você está fazendo é tentar desmontar uma palavra ou um signo e sugerir fragmentos de signos, logo... Estou tentando pensar numa palavra que não acrescente um juízo de valor... De modo que nada seja contrabandeado além da própria energia?

RWH: Quando eu rejeito as convenções da legibilidade, não estou necessariamente buscando a simplicidade ou, Deus me livre, a pureza. A fala mítica, a narrativa e a metáfora me interessam, e não existe uma verdade simples e pura – isso é falso e perigoso. Talvez a fala mítica, cheia de camadas, rica em metáforas, em toda a sua complexidade e em todas as suas contradições, seja mais real, no fim das contas. É dentro das camadas e da complexidade que a história se constrói. Na pintura e em outros lugares. É nos apagamentos, que podem desaparecer visualmente, mas continuam psiquicamente presentes. Walter Benjamin descreve a história como camada sobre camada de crise sobre crise, e de tragédia sobre tragédia.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn



Rebecca Watson Horn – Sigil 110 (The New Yorkers), foto Eduardo Ortega

CK: A superfície têxtil que você usa para as suas pinturas – essa juta de trama bem aberta – é bem incomum. O que a escala desse material produz? E o que toda essa textura e transparência trazem para a sua prática, fisicamente, enquanto você pinta, ou mesmo para o jeito que você constrói uma imagem?

RWH: Ao contrário de você, a minha mão é bem desajeitada. Ela é desengonçada, vai pra todo lado. Aprendi desde cedo que, se eu conseguisse deslocar a pintura para um espaço mais escultórico e criar pontos de resistência e atrito, a minha mão ia desacelerar.

CK: Você precisa de uma superfície que ofereça resistência.

RWH: Eu precisava de uma superfície difícil, que resistisse à minha mão e a desacelerasse. Assim, os gestos passam a ser intencionais, porque cada um deles exige muito esforço. Por mais desajeitadas que as formas possam ser, elas ganham força graças a todo o trabalho e esforço de esfregar a tinta na superfície. E também tem alguma tensão e humor nessa contradição.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

CK: Antes eu estava me perguntando se, quando você pinta uma linha, sente que está fazendo um gesto. Mas essa superfície torna os gestos difíceis.

RWH: Sim, também tem uma contradição. Tem alguma coisa em mim que quer fazer pinturas mais pictóricas, gestuais e expressivas; mas tem uma outra parte que desconfia profundamente desse tipo de pintura. Às vezes ela pode parecer um pouco autocomplacente, muito ego, e me atraem pinturas nas quais se percebe o ceticismo do artista em relação ao gesto, como em Sigmar Polke, Rochelle Feinstein e Jacqueline Humphries. Assim, as minhas pinturas acabam incorporando esse conflito interno: um gesto excessivamente elaborado e desajeitado, uma linha como fenda, uma composição que eu encontrei por meio do apagamento. Tem toda uma negatividade no processo de pintar.

CK: É mais um gesto de esfregar do que um gesto sem atrito que simplesmente se inscreve.

RWH: É. É um gesto de esfregar, da frotagem. Acho que é esse mesmo o gesto nas minhas pinturas.

CK: As superfícies têm uma resistência quase de velcro... O tecido reage ao seu gesto de um jeito bem intenso. Mas ao mesmo tempo é um tecido de trama muito aberta. Tem uma delicadeza e uma transparência, uma espécie de leveza que também sugere certo ceticismo em relação à própria pintura. O ar simplesmente atravessa.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

RWH: As pinturas resistem a ser fotografadas por causa da textura da superfície, e quando você vê elas ao vivo elas às vezes resistem a ser vistas. Elas quase vibram, que nem estática de TV, e a imagem se desfaz. Então a gente é forçado a confrontar a sua fisicalidade, e o material insiste em ser experimentado pelos outros sentidos, pela sensação de esfregar e raspar. Mesmo se você não está de fato tocando a pintura, você consegue imaginar essa sensação. Elas proporcionam uma multiplicidade de experiências sensoriais que (paradoxalmente) tiram a ênfase do campo visual.

CK: Mas, para mim, as suas pinturas sempre evocaram espaços figurativos. As formas das letras e as outras formas sugerem um espaço meio antiquado, quase cartunesco, teatral. Tenho a impressão de personagens interagindo, de um palco inclinado, de cortinas pendendo e cobrindo parcialmente o que acontece, de coisas surgindo da coxia. Tem uma questão sobre como essa palavra, ou essa forma de letra – ou alguma coisa que talvez não seja nenhuma das duas – atua nesse espaço. Você pode falar um pouco sobre esse espaço cênico, lúdico, nas pinturas, se essa descrição fizer algum sentido para você?

RWH: Faz. Quando eu falo de representar a linguagem no corpo ou na mente, penso em alguma coisa parecida com o que acontece quando fechamos os olhos e tentamos imaginar os nossos pensamentos... O espaço dentro da nossa cabeça é muito teatral, né? Tem até uma quarta parede, onde ficam os olhos. Acho que a moldura da pintura funciona como uma metáfora muito boa para esse tipo de espaço mental. E, se estamos pensando numa representação disso, as pinturas não têm muita profundidade, certo?

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

O espaço dentro da nossa cabeça é muito teatral, né? Tem até uma quarta parede, onde ficam os olhos.

CK: Claro. Mas eu acho que eu vejo elas assim: tem um pano de fundo, talvez duas ou três pernas de palco e uma ribalta ou coisa parecida... É como se fosse uma caixa cênica.

RWH: Eu nem acho que é tão fundo assim. Eu realmente acho que é da distância entre a testa e a parte de trás do crânio. Uns vinte centímetros.

CK: Mas cabe muita coisa aí dentro.

RHK: É, exato. A gente põe tudo aí dentro.

CK: Certo. Sei que a Florine Stettheimer é uma referência muito importante para você, e as pinturas dela também parecem estar dentro desse tipo de caixa teatral, como se estivessem numa redoma de vidro. Tem uma qualidade de globo de neve nesse espaço, e até o ateliê dela era um ambiente artificial, teatral.



Rebecca Watson Horn – Sigil 107 (The Wedding), foto Eduardo Ortega

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

RWH: E ela também fazia cenários, dioramas e bonecas. É, e além desta exposição no Brasil, vou mostrar algumas pinturas muito sombrias e particularmente teatrais numa exposição coletiva na Suíça, em junho, junto com os dioramas do Bob Smith! Eu nunca fui uma criança que desenhava. Não gostava de ter um lápis na mão. Eu ainda não gosto de ter um lápis na mão, mas eu era muito uma criança que adorava fazer dioramas. Você põe uma caixa de sapato de lado, corta cartolina e cria esse tipo de cena teatral sombria. A profundidade de uma caixa de sapato é como a profundidade de uma cabeça – e essa é a profundidade das minhas pinturas. Você viu aquele diorama do Richard Foreman?

CK: Na Matthew Marks? Estava inacreditável. Estava lindo mesmo.

RWH: Estava inacreditável. E quando eu vi aquilo, eu pensei: por que eu faço pinturas? Eu só quero fazer dioramas. Tenho sempre tanta inveja do trabalho do Vincent Fecteau, e estou animada para expor com o Bob Smith; parece muito pertinente para o meu trabalho.

CK: E é uma coisa feita à mão, o lo-fi, em oposição ao cinema... o espaço do teatro de caixa-preta como tema. Para mim, isso parece uma posição de resistência diante da paisagem do espetáculo midiático, polida e tóxica, que somos obrigados a atravessar todos os dias.

RWH: É, são essas as coisas que me salvam: o distanciamento em relação aos meus pensamentos, o humor, o artifício e o prazer na sensualidade da coisa feita à mão. Muitas vezes quero só satisfazer o meu próprio desejo de tatilidade, fisicalidade e fazer manual... uma coisa que eu imagino ser uma espécie de fome que todo mundo sente um pouco.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

CK: Você desenvolveu seu trabalho em Nova York por tanto tempo, e agora você passou sete meses no Brasil produzindo um novo conjunto de obras. Como essa mudança de ambiente tem afetado você? Fico pensando se ela desestabiliza certos hábitos ou se teve alguma influência sobre as próprias pinturas.

RWH: Ah, com certeza. Tem aquela frase famosa do Philip Guston sobre tirar todas as vozes do seu ateliê. Eu estudei em Nova York, toda a minha comunidade está em Nova York, e conhecemos as pinturas uns dos outros há 23 anos. Mesmo que você não faça um trabalho para satisfazer um público, tem um certo tipo de gosto que se desenvolve. Os artistas que eu conheci aqui foram extremamente acolhedores e muito dispostos a conversar, a me receber nos seus ateliês e a visitar o meu. (Talvez a última vez que tive uma experiência tão parecida tenha sido na pós-graduação, onde me senti muito amparada pelo ambiente e, em particular, pelo trabalho com a Hanneline Røgeberg.) E, por causa disso, senti uma espécie de liberdade para me desestruturar um pouco e assumir mais riscos em relação ao gosto.

De certa maneira, São Paulo é a cidade mais parecida com Nova York em que eu já vivi. O seu multiculturalismo, a sua história de colonialismo, o seu modernismo próprio... diferente, mas familiar. Mas tem aspectos deste lugar que são realmente estrangeiros para mim, especialmente no que diz respeito às escolhas estéticas, às cores. Essas combinações de cores realmente inesperadas... no começo eu pensava: não, isso está muito errado! E aí eu comecei a ver essas combinações de cores se infiltrarem no trabalho. Isso é muito desconfortável. Mas tem uma

Mídia
Data
Evento
Página

Web
05.Out.2026
A palavra errada
<https://revistarosa.com/13/pinturas-que-interrompem-ludicamente-a-legibilidade-da-linguagem-entrevista-com-rebecca-watson-horn1/>

Veículo
Autor
Artista

Revista Rosa
Caitlin Keogh
Rebecca Watson Horn

espécie de humildade nisso que me faz pensar: mas o que eu sei? E elas começam a me conquistar, apesar da minha resistência. Acho que tolerar ou até abraçar essa estranheza me permitiu experimentar mais e também aceitar mais a estranheza dentro de mim... me ensinou a ficar mais confortável em não saber exatamente o que está acontecendo.

Tem a Praça da República, uma praça no centro de São Paulo por onde passo a caminho do ateliê. É um lugar bem intenso. Tem umas árvores tropicais enormes e malucas, chuvas torrenciais à tarde, e o ir e vir das pessoas é completamente caótico. Fiz uma pintura aqui que me parece muito ligada a essa praça, com um preto arroxeadado, um turquesa verde-água e um tangerina elétrico arrastados pela superfície. Ela é horrível, e é a minha pintura preferida das que eu fiz aqui. É como se tudo estivesse errado. Mas eu fico tipo: essa pintura é tão boa. [*Risos*]

1. Esta entrevista, “Rebecca Watson Horn por Caitlin Keogh”, foi comissionada e publicada originalmente no site da BOMB em 24 de junho de 2026. © BOMB Magazine, New Art Publications e seus colaboradores. Todos os direitos reservados.